

O medo do goleiro diante das férias

Célia TOLENTINO (org).

Desafiados pela idéia de analisar uma obra a nós contemporânea, colocamos **em foco** o filme de Cao Hamburger, *O ano que meus pais saíram de férias*, lançado em 2006. Falando dos anos mais tensos da nossa história recente, o filme põe em questão a relação entre a ditadura militar e a vitória do Brasil na Copa do Mundo de 1970. O tema já foi explorado em outros filmes sob a perspectiva da denúncia, particularmente, nos anos de abertura política, recolocando em debate os temas banidos da imprensa pela ação da censura. Lembre-se, por exemplo, de *Pra frente, Brasil*, filme de Roberto Farias de 1982. Nesta obra, futebol, censura, tortura e equívocos estão no centro da trama numa narrativa impactante que busca justamente dar uma sacudida na cabeça do espectador ou arrancar cumplicidade daqueles que viveram em primeiro ou terceiro grau a perseguição política dos anos de chumbo. Mas o filme de Cao Hamburger assume uma outra perspectiva: a situação política brasileira é vista a partir do olhar de uma criança de 12 anos tornando a denúncia uma questão candente mas delicada. Mauro, o garoto que vê seus pais ?saírem de férias? ? metáfora familiar para a clandestinidade ou fuga ? não entenderá tudo que se passa na vida política do país mas, perceberá os não ditos, as frases suspeitas e os atos inexplicados dos adultos na medida em que nos mostra o agravamento da situação política brasileira concomitantemente ao uso da paixão nacional pelo futebol como cortina de fumaça para os atos violentos contra os críticos do regime totalitário.

Bem estruturada, a trama entre futebol e política é dosada na dimensão da vida cotidiana. Não veremos discursos panfletários, nem debates políticos, tampouco a hiperinflação das cenas futebolísticas. Vendo tudo do ponto de vista do menino, compreenderemos porque parte da população brasileira pouco ou nada soube das conseqüências do golpe militar. Também perceberemos os primeiros passos da indústria cultural brasileira, os sinais do milagre econômico brasileiro do qual o fusca é o símbolo mais clássico, a ingenuidade de uma infância ainda pouco consumista e menos solipsista que aquela de hoje, cercada de videogames, aparelhos de tevês, ?internetes? ou cercada pelos muros que tentam protegê-las da violência. As crianças do Bom Retiro, onde a história se passa, estão quase sempre em grupo: brincam nas ruas, nos terrenos baldios, jogam futebol, descobrem a libido espiando por uma fresta e disputam figurinhas raras para preencher o álbum da copa. É o espetáculo da classe média que olha tudo sem entender claramente o que se passa até ter a vida cotidiana transformada pela história. Mas as famílias desta narrativa, classe média, sim, já trazem outras tragédias políticas na suas histórias, outras fugas, outras perseguições e mortes: são judeus sobreviventes (ou herdeiros destes sobreviventes) às perseguições políticas que forçaram as muitas diásporas da Europa para as Américas. As histórias se superpõem, os exílios também. E Mauro, que a partir de então descobre a vocação para goleiro, tem medo que seus pais nunca mais voltem das misteriosas férias que fizeram sem ele.

Os textos que leremos aqui nesta seção tematizam as questões da conjuntura, da linguagem cinematográfica, da história política na qual o filme se ambienta, a religião judaica e a particularidade da comunidade israelita no Brasil, o personagem negro em sua presença e ausência no filme, a descoberta da sexualidade e a formação do Bairro do Bom Retiro. Todos estes ensaios são resultados do seminário do Grupo de Estudos de Literatura e Cinema da FFC/UNESP de Marília, realizado no primeiro semestre do ano de 2007.